

O DUPLO ESPECULAR NAS PSICOSES NÃO DESENCADEADAS: UM PARADIGMA CONTEMPORÂNEO?

ANDRÉA MARTELLO; JULIANA RIBEIRO MARTINS

Andréa Martello

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Professora do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Rio de Janeiro/RJ, Brasil. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Professora Adjunta da Escola de Educação, Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

Juliana Ribeiro Martins

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

RESUMO: Para abordar a função do duplo especular nas psicoses, principalmente acerca de seu papel em relação ao desencadeamento e à estabilização, buscou-se investigar a regressão tópica ao estágio do espelho proposta por Lacan. Indaga-se se a saída encontrada para algumas psicoses pode indicar um movimento próprio da subjetividade contemporânea. Destaca-se um empuxo ao imaginário, cujas razões o artigo pretende esclarecer.

Palavras-chave: psicoses; duplo; teoria da clínica; imaginário; contemporaneidade.

ABSTRACT: *The specular double in the not triggered psychoses: a contemporary paradigm?* For an approach to the function of the specular double, mainly about its role in triggering and stabilization, this article investigates the topical regression to the mirror stage proposed by Lacan. It inquires if the solution found for some psychoses could indicate a proper movement of the contemporary subjectivity. It stands out an imaginary push towards, whose reasons the article intends to elucidate.

Keywords: psychoses; double; clinical theory; imaginary; contemporaneity.

DOI - <http://dx.doi.org/10.1590/1809-44142017003001>

INTRODUÇÃO

Para constituição do eu, do corpo e da relação de objeto se faz necessária a passagem pelo registro dual do imaginário. A experiência do duplo especular, através da presença do próximo e da alienação à imagem, é fundante para todo indivíduo. Com o apoio da estrutura da linguagem, o duplo especular toma dimensões simbólicas no totemismo, na religião e no idealismo, onde um símbolo na forma do Ideal organiza a realidade e o conjunto social.

O homem antigo, mítico, religioso ou ideológico, possui a tendência a compreender o universo como algo integrado, onde se faria presente uma unidade entre ele próprio e as demais coisas da natureza. Ele contempla o reconhecimento de si no mundo em espelho. O totem, o mito ou as escrituras têm a função de, através de linguagem, rituais e tabus, fornecer coerência e amparo para a experiência vivida. Símbolos e narrativas imaginárias desempenham a função de anteparo à angústia e dão sentido à vida, à morte e ao sexo.

A psicanálise destaca aí a função do narcisismo como estrutura de pensamento que ordena a realidade segundo o compromisso da satisfação libidinal. O objeto é abordado enquanto objeto de desejo, no que Lacan chamou de “a face cósmica do objeto” (LACAN, 1962-63/2005, p. 47). O advento da ciência que marca a sociedade contemporânea rompe justamente com isso, fazendo da dúvida e do estranhamento um método. O corte com o sensível e com a tradição permite o desenvolvimento da ciência ao custo de uma perda dos operadores que ordenam a realidade comum. O movimento para além do mundo-em-espelho necessário ao conhecimento científico é, no entanto, fonte de desamparo para o homem. As formações do inconsciente como sintomas, fantasias ou delírios surgirão como respostas ao declínio das grandes narrativas. Através delas o inconsciente promove uma leitura dos dados da experiência e garante, mesmo que de modo insuficiente e por vezes precário, a relação do sujeito com o mundo e com os outros.

Freud em *O ego e o id* (1923/1976, p. 53) adverte que há uma parte herdada de nossos antepassados em nosso psiquismo que poderia funcionar de acordo com lógicas antigas que, uma vez suplantadas, nem por isso desaparecem. Destaca que o conceito de regressão pode ser remetido a um modo de funcionamento arcaico do psiquismo devido à defusão pulsional que reanima o elemento mortífero ligado à constituição do eu na relação objetual (*ibid*, p. 71-72).

Lacan (1954-55/1987, p. 171) critica Freud em *Interpretação dos sonhos* (1900/1976) por compreender o caráter alucinatório dos sonhos como uma mudança no vetor do pensamento que, regredindo do polo motor para o sensível, resultaria numa reanimação de lembranças do passado (FREUD, 1900/1976, p. 584). Lacan defende que só existe regressão ao nível da significação, entendida como remetida ao plano do imaginário, do eu. A regressão nos sonhos é uma decomposição das palavras em elementos que representam imagens diversificadas do eu (LACAN, 1954-55/1987, p. 212).

Vale destacar a concepção lacaniana de significação como um vetor cuja direção vai do imaginário ao simbólico. A “significação do falo” tem por função demarcar essa passagem, na medida em que o falo não é um objeto, não é uma imagem, é um significante (LACAN, 1958/1998, p. 697). O falo é o significante do desejo, designado pela letra Φ , no que ele é a marca da falta masculina e feminina. Por isso, não existe imagem do falo, ainda que seja a partir dele que a imagem masculina e feminina ganha destaque libidinal.

Os fenômenos de corpo nas psicoses indicam uma dificuldade na constituição da significação fálica que tem por função localizar a diferença entre o sujeito, o eu, o corpo próprio e o outro. A regressão, portanto, é referida a um vetor que se encaminha do simbólico para o imaginário. Nas psicoses, ocorreria a regressão tópica ao imaginário do estágio do espelho mas, diferente do que ocorre nos sonhos, em que a regressão se dá em relação à estrutura da significação inconsciente, nela, a regressão se dá na forma de uma fragmentação da noção de identidade do sujeito (LACAN, 1955-56/1988, p. 116).

Quando Freud explica o delírio por uma regressão narcísica da libido, sua retirada dos objetos tendendo a uma desobjetalização, isso quer dizer, no ponto aonde ele chegou, que o desejo que tem de ser reconhecido no delírio se situa num plano bem diverso do desejo que tem de fazer-se reconhecer na neurose. (LACAN, 1955-56/1988, p. 124)

Em *De uma questão preliminar a todo tratamento possível para a psicose* (1957-58/1998), Lacan defende que a possibilidade de uma intervenção analítica eficaz depende de um diagnóstico diferencial entre neurose e psicose que ajuste a escuta do analista de modo compatível com a estrutura em jogo. O desejo de reconhecimento na psicose é diferente do desejo de reconhecimento na neurose. Nesta, o inconsciente já

operou uma primeira interpretação, o sujeito já está inscrito no campo do Outro e, por isso, cabe uma interpretação que reconheça o desejo inconsciente mascarado no sonho ou no sintoma. No caso das psicoses, é justamente essa inscrição que se encontra problematizada, aproximando-a, a nosso ver, das questões e impasses da subjetividade no contemporâneo marcada pelo advento do saber científico em detrimento do saber tradicional.

A principal tese lacaniana para a causa das psicoses supõe uma falha no simbólico, em sua ordenação, que revela uma estrutura arcaica de relação do sujeito com a linguagem que desarranja o registro imaginário (*ibid*, p. 564, 582). O Nome-do-pai como significante ordenador da passagem do imaginário para o simbólico não opera na estrutura, principalmente em relação à transmissão do significante Faló, que promove a transferência da libido do eu para o campo do Ideal do eu. A ausência deste significante ordenador dificulta a assimilação da diferença geracional e sexual e, por conseguinte, do corpo próprio e da localização diferenciada entre o eu e o outro, entre o eu e o objeto.

Com isso, no caso das psicoses, a vivência do duplo pode vir a se tornar o único modo de manifestação da alteridade e adquirir características persecutórias e, por vezes, aterradoras para estes sujeitos. Porém, gostaríamos de destacar que há casos de psicose ainda não desencadeada, tal como o que originou este estudo, em que podemos perceber como a via imaginária passa a ser eleita a principal via de compensação na relação com a alteridade e o mundo externo, promovendo uma estabilização antes do desencadeamento ou ao longo da vida. Tal nuance se faz relevante, uma vez que autores que tratam da clínica contemporânea (LAURENT, 1989; COELHO DOS SANTOS, 2008; FREDERICO, 2008; ROSA, 2009; MILLER, 2012;) indicam problemas em relação ao estabelecimento do diagnóstico diferencial e apontam para uma nova forma de ordenamento subjetivo que surge como efeito no campo clínico: estruturas mais precarizadas em sua constituição egóica, mais propensas a uma amarração pela via do imaginário através de uma transferência dual, mas que se mantêm, no entanto, protegidas quanto ao desencadeamento do surto psicótico.

Examinaremos de modo mais aproximado o papel do duplo especular nas psicoses, com apoio na tese lacaniana de que é no nível escópico que o sujeito está mais protegido contra a angústia (LACAN, 1962-63/2005, p. 277), justificando, assim, o apelo e a eficácia do registro imaginário na amarração da significação, no que denominamos um *empuxo ao imaginário*. Tal proposição nos leva à reflexão acerca do sujeito na sociedade contemporânea e as formas de respostas encontradas diante da fragmentação e da perda da realidade ocasionada pelo discurso científico que desloca os operadores tradicionais de ordenamento do sujeito.

FRAGMENTO DA CLÍNICA: A SAÍDA PELA RELAÇÃO ESPECULAR

Tomaremos da clínica um fragmento de caso que permite apontar alguns mecanismos presentes na estrutura psicótica e que possibilitam averiguar em que medida as experiências vividas pelo analisando já podem ser consideradas uma tentativa de cura. Freud vislumbrava o processo da psicose desencadeada como uma tentativa de cura (FREUD, 1924a/1976, p. 191), de reparo de algo que vinha a faltar na ordem psíquica e que provocava um remodelamento da realidade (FREUD, 1924b/1976, p. 232). No caso em questão, onde ainda não se observa um desencadeamento, percebe-se que o analisando busca, no espaço de sua análise, justamente elementos que o preparem para se inserir na realidade, que lhe parece enigmática a partir de um dado momento.

Após três anos de acompanhamento de um jovem de 30 anos, jamais tratado pela psiquiatria, fez-se notar certa dificuldade no que diz respeito ao diagnóstico. Apesar de acossado por muitas questões que o angustiavam, ele se mantinha estável por meio de um espelhamento que mantinha com certas pessoas de seu convívio. O que se pôde observar, no que diz respeito ao manejo de seu tratamento, foi justamente que, pelo fato de analisando buscar essa estabilidade pela via identificatória, a posição da analista parecia ser posta constantemente em questão.

As questões trazidas por ele diziam respeito primeiramente a “como arranjar uma namorada?” e avançam para “como ser um homem na realidade?”. É marcante como, *a priori*, está colocado para ele o enigma dos sexos de modo insolúvel e como a partir disso se passa a incluir questões relativas à sua própria identidade.

A psicose não possui os mesmos subterfúgios para se inserir na realidade que a neurose, na medida em que esta última desenvolve, a partir da função da fantasia, a possibilidade de dialetizar os papéis do outro

consgo próprio. Na relação com os objetos amorosos que o paciente escolhe, não parece haver a possibilidade de reconhecimento, satisfação ou troca afetiva. Sua falta não é dimensionada. Suas convicções acerca do que as mulheres são e pensam são de tal forma verdadeiras para ele, que a tarefa de dialetizar tais posições se torna impossível.

Certos fenômenos corporais são relatados pelo analisando, como quando ele passa a estranhar sua imagem no espelho, achando que sua pele está escurecendo. Em alguns momentos, pensa compulsivamente e tem ideias invasoras, que o consomem e lhe tiram o sono. Parece sentir urgência por uma ordenação de sua realidade, tanto a nível físico, dos objetos materiais, quanto a nível psíquico, dos elementos que ocupam sua vida mental.

Uma das características mais marcantes do analisando é sua absoluta falta de expressão ao falar. Não gesticula, seu tom de voz não se altera em momento algum e seu olhar é inteiramente vazio de emoção. Apenas demonstra certo incômodo quando é interrompido com perguntas, que parecem quebrar sua linha rígida de raciocínio.

Observam-se, nesses processos, os traços de uma regressão, visto que o fato de o analisando estranhar sua cor, estaria relacionado a algo da ordem da constituição de sua imagem. No processo de pensar compulsivamente e questionar a analista acerca de sua realidade, percebe-se uma tentativa de espelhamento e, assim, de reconstruir a ordem dos objetos na tentativa de amarrar simbolicamente aquilo que não se inscreve. A analista é convocada a pensar e decidir pelo analisando em todas as esferas.

Passa-se a trabalhar, então, com a hipótese de que o analisando possui uma personalidade “como se”, e que o tratamento gira em torno da tarefa do analisando de situar o desejo do Outro, cujo desconhecimento é o que lhe causa angústia.

Em formas de psicose do tipo “como se”, primeiramente teorizadas por Helen Deutsch em 1942 no texto *Algumas formas de transtorno emocional e sua relação com a esquizofrenia*, e retomadas por Lacan no *Seminário 3, As psicoses* (1955-56/1988), vemos uma forma de compensação onde o sujeito busca emular o comportamento de pessoas próximas, e onde a “relação emocional com o mundo exterior e com o próprio eu parece empobrecida ou ausente” (DEUTSCH, 1942/1968, p. 413 *apud* FREDERICO, 2008, p. 45). Podemos considerar este como um exemplo de como o funcionamento dual é buscado como compensação imaginária (LACAN, 1955-56/1988, p. 220). Observam-se, nesses tipos de psicose, sujeitos que podem passar a vida inteira sem jamais enfrentarem uma situação onde ocorra um apelo ao Nome-do-pai e que resulte num desencadeamento.

Miller (1996, p 147-148), ao comentar um caso de personalidade “como se”, caracteriza-os como “seres de puro semblante”, incapazes de assumir uma identificação propriamente dita. Quinet (2009, p. 77), por sua vez, reporta-se ao comentário de Lacan do *Seminário 3* acerca do mimetismo do “como se” para destacar a ausência do semblante na conjunção entre imaginário e simbólico enquanto categoria estruturante do discurso e da relação com a instância significante. Assim, o mimetismo opera no lugar do semblante inoperante promovendo uma ligação, mesmo que frágil, entre imaginário e simbólico.

Enquanto fenômeno, o duplo que é criado pela via da cópia/imitação seria apenas o princípio de uma regressão a um estágio anterior do funcionamento libidinal, que não deixa de servir como proteção ao sujeito por um período no qual algo ainda garante a coexistência dele com o outro num laço. Porém, fica aberta a possibilidade deste vir a se tornar por demais consistente e controlá-lo, persegui-lo, invadi-lo. A falta de mediação do simbólico deixa o sujeito sem conseguir alcançar uma separação, preso numa espécie de relação simbiótica, onde, em casos extremos, o outro pode vir a se localizar até mesmo dentro do corpo do indivíduo.

O DUPLO EM FREUD: DO SEMELHANTE À INSTÂNCIA OBSERVADORA

Antes de Freud abordar a questão do duplo, um de seus discípulos, Otto Rank, dedicou um livro inteiro à investigação sobre o tema, intitulado *O duplo: um estudo psicanalítico* (1914). Nele, Rank aborda o duplo na literatura, na mitologia e em estudos antropológicos de povos primitivos. É possível notar que algo deste conteúdo veio a inspirar o texto *O inquietante* (1919/2010), onde Freud discorre mais longamente sobre o tema. Rank localiza o duplo como um mecanismo defensivo baseado na projeção, devido à necessidade de preservação do ego, que se sentiria ameaçado frente a conflitos morais e temor de aniquilação.

No mesmo ano, Freud destaca o papel da libido na constituição do eu em *Uma introdução ao narcisismo* (1914/2010), aprofundando o exame da problemática do acesso à realidade nas psicoses e instaurando um

programa de investigação acerca dos processos de identificação e sua importância na constituição do eu e do laço social. A partir do conceito de narcisismo, o processo de unificação das pulsões e do corpo não está mais a cargo das pulsões de autoconservação e, sim, do investimento libidinal que funda o ego como um objeto privilegiado. Esta é uma operação que se encontra fragilizada no âmbito das psicoses. Na abordagem freudiana da constituição narcísica do eu, destaca-se, para além da organização corporal pela qual o narcisismo primário é responsável, a formação de um narcisismo secundário na forma de um Ideal do eu que herda as aspirações infantis após a passagem pelo complexo de Édipo (FREUD, 1914/2010, p. 40).

Na segunda tópica proposta em *O ego e o id* (1923/1976), Freud formaliza as descobertas acerca da formação do ego empreendidas a partir do conceito de narcisismo e traz à consideração o papel da pulsão de morte neste processo. A partir de uma divisão do ego, o superego advém como instância reguladora (ou perturbadora), cuja função se exerce através da consciência moral que mede o ego em relação ao Ideal (FREUD, 1923/1976, p. 51-52). Freud destaca que esta instância contém vestígios da influência exercida por meio da voz de pais e educadores, instaurando-se precisamente a partir de frases ouvidas. Em alguns casos, esses dizeres tomam uma intensidade desproporcional revelando, assim, o aspecto pulsional desta instância (FREUD, 1914/2010, p. 43).

É importante notar, portanto, que o processo narcísico de constituição do eu implica uma estrutura que vai da noção de corpo próprio, constituído libidinalmente no narcisismo primário, até o imperativo vocal do superego, que coordena este processo. Verifica-se na segunda tópica de Freud o que Lacan articulou em termos de estrutura de significação inconsciente para o sujeito, como veremos adiante.

Em *O inquietante* (1919), o autor destaca dois aspectos essencialmente vinculados ao duplo: o mecanismo da identificação com o outro e a função de vigilância operada pelo superego sobre o ego. Freud indica que, na sintomatologia da paranoia (como no delírio de ser observado), podemos encontrar a forma regressiva da função de crítica presente em todo indivíduo normal (FREUD, 1919/2010, p. 352).

Nesse sentido, o duplo se apresenta mais patológico em personagens tomados como idênticos ao ego ou com os quais ocorre um intercâmbio de pensamentos, ou, ainda, quando o sujeito duvida a respeito de si mesmo, sentindo-se encarnado por um outro estranho. O duplo faz com que “o sujeito se identifique de tal forma que fica em dúvida sobre quem é seu ego, ou substitui seu próprio ego por um estranho” (FREUD, 1919/2010, p. 351). Isso decorre da capacidade que o ego possui de se duplicar, se dividir e se intercambiar.

Freud defende que o duplo pode adquirir um caráter patológico no momento em que surge como um mecanismo de defesa oriundo do ego, quando este recorre à regressão a um funcionamento mental mais antigo. O problema é que, tendo-se superado o narcisismo primário, o duplo - que antes poderia ter um aspecto amistoso, com função de proteção, ou até de garantia de imortalidade para o sujeito - tem suas características invertidas, distorcidas por outros processos mentais, podendo causar sentimentos de ameaça ao ego (FREUD, 1919/2010, p. 353).

ESTÁGIO DO ESPELHO: RECONHECIMENTO, AGRESSIVIDADE E ANGÚSTIA

Lacan, inspirado por estudos de etologia e de psicologia infantil, formula em *O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência analítica* (1949/1998) a tese de que o ego é uma função imaginária que se constitui a partir da experiência do espelho, através de uma identificação a uma *imago* que não corresponde de modo algum à condição de desorganização corporal em que o sujeito se encontra inicialmente. A condição de desamparo motor encontra na imagem externa, unificadora da experiência corporal ao nível do olhar, uma alienação fundante (LACAN, 1953-54/1986, p. 148).

Na experiência do espelho iniciada a partir dos seis meses de idade, destaca-se, para além da apreensão gestáltica da imagem no espelho, o valor libidinal desta imagem na economia psíquica do *infans* e, mais ainda, como esse valor libidinal depende do assentimento do Outro constituído no campo da linguagem. O papel do Outro na experiência especular é designado por Lacan no movimento da criança em direção ao olhar e/ou palavra daquele que a ampara, reconhecendo aí a busca pelo assentimento que ratifica a experiência de si vivida no espelho. É assim que Lacan formaliza, num modelo ótico, as duas instâncias indicadas por Freud na constituição do eu: a imaginária do eu ideal e a simbólica do Ideal do Eu, estando a primeira ligada ao campo da imagem do eu na projeção especular e a segunda, ao campo do olhar e da palavra que legitima o valor da experiência especular.

É importante frisar que o eu se constitui de modo a despertar o desejo da criança pela realidade externa, que é onde ela primeiramente se apreende. Deste modo, a experiência do estágio do espelho ordena e garante a realidade para o sujeito em função da alteridade aí incluída.

Ogilvie (1987/1991, p. 111) indica que o elemento “espelho”, seria um termo genérico, pois seria apenas um dentre muitos outros pontos de referência suscetíveis de analogias e assimilações por parte da criança.

É todo e qualquer comportamento de um outro que lhe responda que desempenha aqui o papel de um espelho, e mesmo qualquer traço material que a criança deixe atrás de si, jato ou destroço, no qual ela se contemple como sendo a autora. Por exemplo, o jogo do carretel que Freud observa em seu neto. (OGILVIE, 1987/1991, p. 111)

Esta alienação, portanto, é constitutiva de um traço que permite ao sujeito operar com o seu corpo no campo do Outro, garantindo assim uma realidade compartilhada. Por se tratar de uma identificação primária, carrega em si a tensão imaginária que pode ser encontrada em todos os fenômenos de encontro com o duplo, e que se manifestam predominantemente na forma de uma intensa erotização ou agressividade. No plano dual, no universo fechado a dois, o outro é aquele que dá margem à possibilidade ou não da existência do sujeito, visto que o aval do outro é o que assegura a ordem dos objetos e do corpo próprio. Lacan (1953-54/1986, p. 198) considera própria do eu a presença de uma agressividade, engendrada na rivalidade pelo objeto de desejo do outro. A luta pelo reconhecimento é também uma luta por prestígio.

Lacan concorda com Freud que há algo em comum entre a estruturação inicial do aparelho psíquico e o funcionamento do mesmo na psicose. Assim, afirma que, em qualquer ser humano, o eu seria essencialmente paranoico pelo fato de estar sempre acompanhado deste duplo especular que funda sua alienação estruturante. Se a identificação com o outro é feita sem mediação simbólica, ou esta começa a vacilar, o outro é ao mesmo tempo igual e rival. Em uma primeira abordagem, Lacan defende que, sem a passagem ao simbólico, “toda função humana só poderia esgotar-se na aspiração indefinida da destruição do outro como tal” (LACAN, 1953-54/1986, p. 198).

No *Seminário 10: A angústia* (1962-63), Lacan revê a sua prévia composição do campo do imaginário, ou, mais precisamente, tece uma crítica ao estágio do espelho conforme fora formulado (MILLER, 2005, p. 12). Segundo Miller, Lacan opera uma modificação tendo em vista a necessidade de localizar um resto não especularizável, não enquadrável no imaginário, o qual nomeia objeto *a*. As questões da agressividade, destacadas anteriormente como próprias à constituição do ego, darão lugar ao exame das experiências de estranhamento e angústia.

O objeto *a* diz respeito a um lugar cavado no psiquismo a partir de sucessivas perdas de partes do corpo (placenta, seio, fezes, pênis, olhar, voz) por onde se pode operar a consciência para além da consciência-de-si promovida no reconhecimento especular. Lacan se apoia, por exemplo, na distinção entre o olho e o olhar. Insistirá que a consciência reflexiva obtida no “vejo-me ver-me” supõem equivocadamente o sujeito no lugar dos olhos. O sujeito não se vê do lugar em que se olha; sua significação é adquirida a partir de um olhar que provém do campo do Outro, onde ele se divide. Este ponto de vista adotado pelo sujeito no campo do Outro é inapreensível, invisível e fica elidido na significação da consciência-de-si, exceto nos casos de angústia ou nas psicoses. Por isso, Lacan irá afirmar que a angústia não é sem objeto. Segundo o autor, “a angústia, (...) não só ela não é sem objeto, como também, muito provavelmente designa o objeto, digamos, mais profundo, o objeto derradeiro, a Coisa” (LACAN, 1962-63/2005, p. 338-339).

É desta forma que Lacan pensa refutar as perspectivas clássicas sobre a consciência, afirmando que isso se efetiva ao mostrar que esta consciência está ligada a um objeto isolável na estrutura (LACAN, 1962-63/2005, p. 76). Com a mesma lógica aplicada ao olhar, destaca-se o papel da voz da consciência no mandamento moral que se impõe muitas vezes ao sujeito sem que o elemento voz seja audível ou pelo menos destacável, como no caso das psicoses.

Optando pelo retorno ao esquema ótico elaborado em seus primeiros seminários, Lacan introduz no esquema um furo, um novo lugar no campo imaginário para construir o objeto da angústia. Os objetos cedíveis são as formas que o objeto *a* assume para indicar uma estrutura topológica de troca com o campo do Outro em torno de bordas corporais que ultrapassam a imagem especular. De maneira que, enfatizando o sentido de caducidade dos órgãos que cavam o lugar do objeto *a*, é quase uma consequência natural a insaciabilidade do desejo que vem marcar todas estas relações (*ibid*, p. 330-331), visto que aí se dá a marca de interrupção na sustentação da libido, e não o encontro com um objeto de satisfação (*ibid*, p. 116).

Junto à questão da imagem, é preciso abordar o corpo como borda por onde se cava um vazio que aloca a função do sujeito para além dos seus circuitos de satisfação especular. Isso implica dizer que aquilo que atrai o desejo do sujeito depende do que se mantém do lado do sujeito, enquanto reserva de libido (*ibid*, p. 55) e não apenas o que se projeta em termos de imagem do eu na relação de objeto. O sujeito está implicado na ordem de uma interrupção da libido em que se revela uma hiância no amálgama oferecido pela imagem do eu.

A angústia se liga essencialmente ao que aparece para o sujeito, mas que pertence à ordem do não especularizável, nem apreensível pelo significante. Se antes a totalidade dos objetos do mundo é modelada tomando como protótipo a própria imagem (MILLER, 2005, p. 12), a partir dessa reformulação do estádio do espelho, o objeto *a* será a primeira e única exceção a essa regra.

Normalmente invisível e para além de sua presença na angústia como sinal de perigo ao eu, no caso das psicoses, veremos surgir o objeto *a* na forma do olhar ou da voz, que se presentifica como um objeto destacado do sujeito. Veremos que esse fenômeno próprio do surto psicótico revela um fracasso na integração do corpo pela via do imaginário especular.

DISTINÇÕES ENTRE O DUPLO NA PRÉ-PSICOSE E APÓS O DESENCADEAMENTO

É importante traçar diferenças entre os momentos de pré-psicose e de desencadeamento, com vistas a examinar os principais aspectos da experiência especular nas psicoses. Essa distinção não é simples, pois, na psicose, “o desenvolvimento não é insidioso, há sempre acessos, fases” (LACAN, 1955-56/1988, p. 26). Compreender essas mudanças significa compreender em que ponto do discurso do sujeito ele se situa com relação à alteridade, com relação a seu próprio eu e com relação à linguagem.

No período de pré-psicose, isso pode ser ainda mais complexo, visto que “nada se parece tanto com uma sintomatologia neurótica quanto uma sintomatologia pré-psicótica” (LACAN, 1955-56/1988, p. 219). Geralmente, neste período, ainda se faz presente uma amarração do imaginário, do simbólico e do real e, conseqüentemente, prevalece uma organização do sujeito dentro da linguagem e do eu com relação à realidade. Assim, seguindo as indicações de Freud e Lacan, um importante fator a ser levado em conta nesses casos é a presença ou ausência da regressão, que entendemos como um dos mecanismos de defesa primários adotado pelo psiquismo na psicose. É nessa fase de regressão que podemos já presenciar a aparição do duplo, como uma espécie de espelhamento e identificação com um outro próximo, como mecanismo compensatório.

Lacan coloca que o psicótico adere ao imaginário, à relação dual. Numa situação de pré-psicose, isto é, um período onde ainda há alguma estabilidade e ainda não se fez um apelo ao Nome-do-pai, primeiramente, o sujeito tende a se apoiar numa identificação de suplência ao vazio da significação fálica. O que pode ser observado quando o sujeito vai em busca de um apoio imaginário no outro como um modelo a ser reproduzido.

Faltando este significante (Nome-do-pai), o que resta é uma imagem a que se reduz a função paterna, fora da relação triangular. Imagem cuja função especular ainda dá ao sujeito algum ponto de enganchamento que o permite se apreender no plano imaginário. (LACAN, 1955-56/1988, p. 233)

Lacan (1955-56/1988, p. 233) infere que - caso essa imagem com a qual o sujeito se identifica seja por demais potente e não algo com o qual ele pode formular um pacto, uma ordem de coexistência - o que aparecerá é uma relação de rivalidade e agressividade. A partir daí, o sujeito adota uma posição mais intimidada e temerosa, já que ocorre algo da ordem de uma captura imaginária, onde a imagem adquire uma função sexualizada, sem a possibilidade de uma exclusão recíproca que permita fundar o eu na identificação com o outro.

Em princípio, com a entrada na psicose, produz-se uma abundância imaginária que suporta um modo de exercício da linguagem e da fala por via das relações com o outro. Num segundo momento, se o apelo ao significante Nome-do-pai surge pela aparição, no Outro, daquilo que Lacan denominou de “Um-pai”, referido como um terceiro (até então foracluído) na relação dual, esse Outro irá relacionar tudo do mundo ao sujeito. Coelho dos Santos e Oliveira (2012) destacam que a não simbolização da função desempenhada pelo *Ideal do eu* e, portanto, pelo pai, trata-se de um fato decisivo para a distinção entre neurose e psicose. Nesta última,

o *Ideal do eu* aparece regressivamente como outro hostil, que vigia e persegue, ao passo que, na primeira, a formação do ideal aparece como condição para o recalque.

Em outras palavras, o desencadeamento ocorre fundamentalmente quando se faz presente “nada mais nada menos que um Pai real, não forçosamente, em absoluto, o pai do sujeito, mas o Um-pai” (1957-58/1998, p. 584); ou seja, quando o psicótico se encontra com algo que se apresenta para ele como um elemento heterogêneo, um elemento terceiro que abala a identificação imaginária e especular com o semelhante. Neste momento, “o *eu* adquire a forma de *tu*, passa a se crer num estado de duplo, isto é, expulso de casa enquanto o *tu* continua sendo possuidor das coisas” (LACAN, 1955-56/1988, p. 313).

Mesmo com o desencadeamento, podemos ainda ver a participação do campo imaginário no delírio se o compreendemos como um trabalho significativo com efeitos imaginários de construir uma nova realidade, podendo vir a assumir, em alguns casos, a função simbólica da metáfora através da metáfora delirante – nível em que significante e significado se estabilizam (LACAN, 1957-58/1998, p. 584).

Nos casos de psicoses desencadeadas, tais como as de Schreber, Aimeé e Irmãs Papin analisadas por Lacan, podemos verificar uma intensidade da busca pela identificação imaginária como via de compensação no início da doença, que, no entanto, fracassa, revelando seu aspecto mais mortífero.

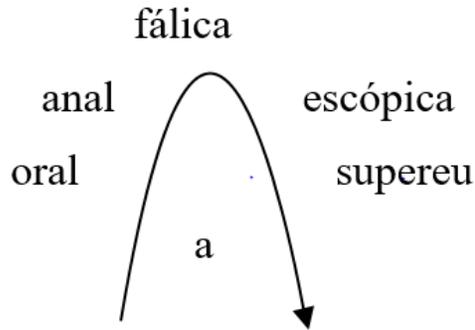
Podemos destacar três formas de saída para as psicoses: a compensação imaginária, o delírio e a nomeação. Ainda que a saída pela nomeação se apresente promissora para a clínica das psicoses, é importante ressaltar a eficiência da compensação imaginária, sendo ela a saída buscada antes do desencadeamento psicótico e que, em muitos casos, encontra por esta via uma estabilização satisfatória. Na clínica atual, a presença de um apelo à compensação imaginária não é necessariamente um indicativo de pré-psicose.

EMPUXO AO IMAGINÁRIO: IMAGEM DO EU E CORPO COMO BORDA

O furo presente na reformulação do esquema ótico é acrescentado como o que deve existir para que a imagem do corpo ganhe consistência. É no corpo como furo que o sujeito verdadeiramente se estrutura, não na imagem. Nesse sentido, o falo aparece a menos, representado pelo ϕ , como lacuna na imagem especular (LACAN, 1962-63/2005, p. 49), e não apenas como significante da falta, representado anteriormente pela letra Φ . O campo do Outro surge como o lugar onde se produz uma estabilização na imagem corporal através da inserção de um vazio, uma distância, um intervalo entre o real do corpo e sua captura como imagem no espelho por onde pode operar o sujeito. Essa esquizo dá ao sujeito espaço para emancipar-se da imagem, e não ficar dela cativo, prisioneiro na captura narcísica. O ϕ é inclusive identificado por Lacan ao *Heim*, à casa, à segurança do sujeito contra a angústia (*ibid*, p. 57-58). O *Unheimlich*, o estranhamento, se dá quando algo vem a ocupar esse lugar vazio no campo do Outro, próprio ao sujeito.

Desta forma, a estabilização da imagem corporal é ameaçada – o que é ilustrado pelos fenômenos de despersonalização e toda ordem de perturbações, como por exemplo, a do esquizofrênico e sua “fantasia do corpo despedaçado” citada por Lacan (*ibid*, p. 133). No caso da psicose, a ausência se revela através de um duplo que se adensa na percepção do sujeito, que se apodera da imagem e se transforma em algo portador de uma estranheza radical (*ibid*, p. 58).

Em *O seminário, livro 10*, é proposto um vetor para a articulação das estruturas pulsionais (oral, anal, fálica, escópica e vocal) no processo de constituição do sujeito (*ibid*, p. 320). A fase fálica se apresenta como ápice de um vetor ascendente que vai do oral (nível 1) ao anal (nível 2) e, deste, ao fálico (nível 3).



A partir da fase fálica, temos um vetor decrescente que avança para o nível escópico onde, segundo Lacan, as questões quanto ao desejo do Outro se colocam de forma mais marcante. A angústia se apresenta no ponto da indagação quanto ao desejo do Outro a partir da angústia de castração que, segundo Freud, ressignifica as outras angústias. O ingrediente novo que Lacan traz diz respeito ao fato de que a angústia, mesmo que seja de castração, irá se apresentar fundamentalmente no nível escópico (*ibid*, p. 353). Na fase fálica, o reconhecimento da diferença sexual opera como seção que individualiza o eu, e só a partir disso se coloca a questão do “que sou eu para o Outro?” com profundidade angustiante, já que está em jogo o lugar do sujeito na partilha sexual e uma orientação quanto às possibilidades de satisfação. É como se pudéssemos pensar em um estágio do espelho pré-edípico e outro edípico que o irá ressignificar.

Esse vetor descendente obedece à estrutura de reversibilidade que fecha o circuito da pulsão tomando o próprio sujeito como objeto e que, na topologia, encontrará mais recursos para ser visualizado. O que aqui neste grafo se esboça, será desenvolvido mais profundamente no ano seguinte, no *Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1990). Nele, o autor dirá que o exercício da sexualidade não se trata de um processo de maturação das fases, nada obriga a passagem de um nível para outro, mas, sim, o advento do sujeito articulado a partir do campo do Outro. Neste sentido, o campo escópico é privilegiado; nele a parcialidade pulsional pode se integrar. Reafirma sua crítica à existência de uma pulsão genital e defenderá que o que ocorre é que a sexualidade está vinculada à estrutura do eu e não ao corpo e suas pulsões, sempre parciais. Retomará o texto freudiano *As pulsões e suas vicissitudes*, de 1915, para destacar que o exercício da reversão pulsional “amar-ser amado” se dá apenas quando a estrutura do eu está unificada: “As pulsões nos necessitam na ordem sexual” (1964/1990, p. 179). A estrutura é de hiância, onde as pulsões apresentam a mesma estrutura topológica em seu funcionamento, marcando, com uma falta, a relação do sujeito com o campo do Outro (*ibid*, p. 171).

O último nível do grafo ratifica a estrutura freudiana acerca do superego e a sua ligação com as palavras ouvidas. É desde esse ponto vocal (nível 5) que a imagem, na significação fálica, quando adequada ao desejo através da função paterna do Nome-do-pai, mascara a presença do objeto *a* como voz da consciência que se enuncia a partir do Outro. E, mais ainda, é desde este ponto que o sujeito pode tomar voz e entrar na transferência simbólica que lhe permita se emancipar do domínio escópico da imagem do eu.

Note-se neste período do ensino lacaniano uma prevalência do simbólico, veiculado através da palavra, em amarrar de forma estável a estrutura subjetiva. O nível da voz superegoica é o mais regredido e, ao mesmo tempo, o mais avançado em termos de estruturação subjetiva. Vale a pena tomar a formulação de *O aturdido* - “que se diga, fica esquecido por trás do que se diz no que se ouve” (LACAN, 1973/2003, p. 448) - para dimensionarmos o quanto a voz fica elidida no enunciado moral que essa instância veicula, fazendo valer seus efeitos de sentido através da linguagem.

O campo da linguagem na forma do superego tem ascendência sobre o imaginário no nível escópico. O Nome-do-pai, a partir do Ideal do eu veiculado pelo superego, localiza a significação fálica para o sujeito. Há, no entanto, um predomínio do imaginário. Lacan assinala que a experiência humana é marcada pela função do reconhecimento do próximo como semelhante na medida em que isso oferece uma proteção contra a angústia, pois escamoteia o ponto de onde o sujeito comparece como objeto *a*.

Ao Outro humano, (...), liga-me alguma coisa que é minha qualidade de ser seu semelhante, e daí resulta que o resto *a*, aquele do angustiante *não sei que objeto eu sou*, é essencialmente desconhecido. Há um desconhecimento do que é o *a* na economia de meu desejo de homem, e é por isso que o chamado nível

quatro, o do desejo escópico, aquele em que a estrutura do desejo está mais plenamente desenvolvida em sua alienação fundamental, é também, paradoxalmente, o nível em que o objeto *a* é mais mascarado e no qual, em vista disso, o sujeito está mais garantido quanto à angústia. (LACAN, 1962-62/2005, p. 353)

A imagem do eu, *i(a)*, é o objeto característico do estágio do espelho. No entanto, é um objeto que inscreve a presença do sujeito no campo do Outro sem deixar restos. Em função do reconhecimento, o sujeito não registra o que escapa à imagem especular. Ela tampona de forma eficaz a estrutura dividida do sujeito na hiância entre o corpo e campo do Outro.

Deste modo, as experiências do corpo despedaçado remeteriam a antes do estágio do espelho, na medida em que aquilo que virá a ser a imagem unificada ainda encontra-se na desordem dos pequenos *a*, isto é, contrário à estrutura do eu. A estrutura dos objetos pequenos *a* torna-os impróprios para a sensação de unidade, que é egoica e imaginária. Eles gerariam o sentimento de angústia por não serem passíveis de serem propostos ao reconhecimento do Outro (LACAN, 1962-63/2005, p. 134). Em outras palavras:

Esse é o verdadeiro sentido, o sentido mais profundo a ser dado ao termo do 'auto-erotismo' - ou sentir falta de si, (...), de uma ponta à outra. Não é do mundo externo que sentimos falta, (...), mas de nós mesmos. (LACAN, 1962-63/2005, p. 132)

Vemos, assim, que a incidência ou não do objeto *a* em sua vertente real está estreitamente relacionada e dependente do estatuto do Outro. Além disso, podemos destacar a importância da imagem como uma vestimenta ao objeto pulsional. No caso específico das distorções na imagem própria, podemos perceber os sinais da fragilidade deste mecanismo. Estando a imagem do corpo próprio desvinculada de qualquer idéia de posse ou controle consciente, pode-se perceber como a libido, na psicose, retorna a uma condição de desordem e o ego se vê em risco de aniquilamento. Muitos desses sujeitos passam a evitar o contato com o reflexo de si próprios, ou adotam rituais como repetir o próprio nome ou frases de proteção na tentativa de aplacar sua angústia.

A irrupção de uma transferência dual pode ser compreendida como uma forma de organizar, imaginariamente, o sentido da realidade externa, invadida por elementos estranhos a ela, provenientes daquilo que foi foracluído da realidade psíquica, daquilo que, por alguma razão, não se inscreveu simbolicamente.

O que se verifica na atualidade é que, em função do advento da ciência, estes ordenadores da realidade, transmitidos a um sujeito pela via da palavra, sofrem um rebaixamento. O declínio da proteção em relação à angústia fornecida por um simbólico organizado em torno do Nome-do-pai faz com que o domínio do imaginário venha a ser buscado já que, como vimos, oferece maior proteção à angústia.

PARA CONCLUIR

A estratégia de compensação imaginária testemunhada no atendimento clínico que originou esta reflexão mostra que tal saída, ainda que precária, limitada e mesmo perigosa, pode ser eficaz como proteção contra o pior. Diante da incidência de casos de psicoses não desencadeadas, a orientação clínica acerca do lugar do analista como "secretário do alienado" (LACAN 1955-56, p. 236) sofre um pequeno deslocamento. Indicada para as psicoses desencadeadas, neste lugar o analista ocupa a posição de testemunha da relação do sujeito com o Outro, silenciando para dar vazão às construções (delirantes) que o psicótico pode fornecer sobre suas experiências, evitando oferecer elementos que o coloquem como Outro absoluto, e abrindo espaço para que uma outra relação com a alteridade se estabeleça.

A clínica contemporânea, no entanto, aponta para a compensação imaginária como alternativa de estabilização. O empuxo ao imaginário, que anteriormente poderia ser apreendido como índice de pré-psicose ou de proximidade de um desencadeamento, passa a se constituir como saída em alguns casos. A abordagem de um caso em que se entende, a partir de um fenômeno elementar, a importância do recurso à regressão ao estágio do espelho no decurso da análise, levou-nos a refletir sobre o exercício da subjetividade no contemporâneo e o papel da imagem na defesa contra a angústia.

Seria a regressão tópica ao estágio do espelho um efeito do discurso contemporâneo marcado pelo advento da ciência que debilita a função paterna, mas que oferece outros meios de estabilização imaginária?

Tal como no caso das psicoses não desencadeadas, o empuxo ao imaginário pode ser considerado um paradigma de resposta para as questões encontradas pela subjetividade no contemporâneo?

Lacan dirá que o estágio do espelho tem um aspecto sedutor ligado não apenas à estrutura de cada sujeito, mas também à estrutura do conhecimento marcado pela boa forma, pela *gestalt* (LACAN, 1962-62/2005, p. 277). Sua crítica é que este constitui um conhecimento fechado em si mesmo.

A articulação entre o espelho e o significante se faz numa estrutura de corte, de cisão, em que se evidencia um certo hiato (LACAN, 1962-63/2005). Esse hiato, ainda que existente, só foi operado a partir da ciência e do corte em relação à apreensão tradicional e sensível do mundo. O campo da linguagem, antes operado pelas grandes narrativas, foi atravessado pelo modo de funcionamento da ciência. Foi cortando com essas narrativas antigas e arcaicas que o discurso científico se desenvolveu e se implantou no mundo. A ciência ampliou, desta forma, o alcance do sujeito para além da consciência-de-si encontrada no espelho, obrigando-nos a reconhecê-lo como articulado no ponto de falta e não no ponto desde onde ele se vê amável para o Outro. Daí a importância da psicanálise destacar a dimensão do objeto *a* na constituição do sujeito, bem como entender o papel da imagem, *i(a)*, nessa estrutura. O que se constata no contemporâneo é um espessamento da resposta imaginária, tanto em seu aspecto destrutivo quanto como forma de laço social e reconhecimento subjetivo.

Pelo que vimos, no que se refere à pregnância do imaginário diante da angústia de castração, parece natural que, diante da inconsistência do grande Outro promovido pela ciência e pelo capitalismo no contemporâneo, que o campo do imaginário seja buscado como saída. Foi a partir da ciência que a dimensão do significante se emancipou da apreensão especular, inclusive conseguindo localizá-la como logro, como aquilo que engana. A ciência faz funcionar a autonomia do significante, permitindo, com isso, avanços indiscutíveis no campo do saber. No âmbito humano, contudo, o logro da experiência especular ainda é estruturante.

Recebido em: 9 de outubro de 2015. **Aprovado em:** 27 de setembro de 2016.

REFERÊNCIAS

- DEUTSCH, H. Algunas formas de transtorno emocional y su relación con la esquizofrenia (1942). *Revista de Psicoanálisis*. Buenos Aires: APA, v. 25, n. 2, 1968, p. 413-431.
- COELHO DOS SANTOS, T. Sobre os princípios da psicopatologia psicanalítica: sexualização e invenção. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, v. 11, n. 1, 2008, p. 55-68.
- _____; OLIVEIRA, F. L. G. de. Teoria e clínica psicanalítica da psicose em Freud e Lacan. *Psicologia em Estudo*. 17(1), 73-82, março 2012. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722012000100009>>. Acesso em: 4 jun. 2017.
- FREDERICO, Cristina. *A psicose não desencadeada: um programa de investigação clínica*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2008.
- FREUD, S. *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1924b) Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Ed. standard brasileira das obras completas, 19).
- _____. *As pulsões e suas vicissitudes* (1915) Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Ed. standard brasileira das obras completas, 14).
- _____. *Interpretação dos sonhos* (1900) Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Ed. standard brasileira das obras completas, 5).
- _____. *Introdução ao narcisismo* (1914) Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2010. (Obras completas, 12).
- _____. *Neurose e psicose* (1924a) Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Ed. standard brasileira das obras completas, 19).
- _____. *O ego e o id* (1923) Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Ed. standard brasileira das obras completas, 19).
- _____. *O inquietante* (1919) Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2010. (Obras completas, 14).
- LACAN, J. *Angústia* (1962-63). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. (O seminário, 10).
- _____. A significação do falo (1958). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

Andréa Martello; Juliana Ribeiro Martins

- _____. *As formações do inconsciente* (1957-58). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. (O seminário, 5).
- _____. *As psicoses* (1955-56). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. (O seminário, 3).
- _____. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1957-58). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- _____. O aturdido (1973). In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.
- _____. O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência analítica (1949). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- _____. *O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-55). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. (O seminário, 2).
- _____. *Os escritos técnicos de Freud* (1953-54). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. (O seminário, 1).
- _____. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. (O seminário, 11).
- LAURENT, E. *Estabilizaciones en las psicosis*. Buenos Aires: Manantial, 1989.
- MILLER, J-A. *A psicose ordinária*. Belo Horizonte: Editora Scriptum, 2012.
- _____. Introdução à leitura de *O Seminário 10, A angústia* de Jacques Lacan. In: *Revista Opção lacaniana*. São Paulo: Eolia, n. 43, 2005.
- _____. Lições sobre a apresentação de doentes. In: *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- OGILVIE, B. *A formação do conceito de sujeito* (1987). 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- QUINET, A. *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranóia e melancolia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- RANK, O. *O duplo: um estudo psicanalítico* (1914). Porto Alegre: Dublinense, 2013.
- ROSA, M. A psicose ordinária e os fenômenos de corpo. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, v. 12, n. 1, 2009, p. 116-129.

Andréa Martello
deamartello@gmail.com

Juliana Ribeiro Martins
martinsjuliana84@yahoo.com.br